

A CONSTITUIÇÃO SOCIAL DO DESENVOLVIMENTO

POR ELIZABETH DOS SANTOS BRAGA

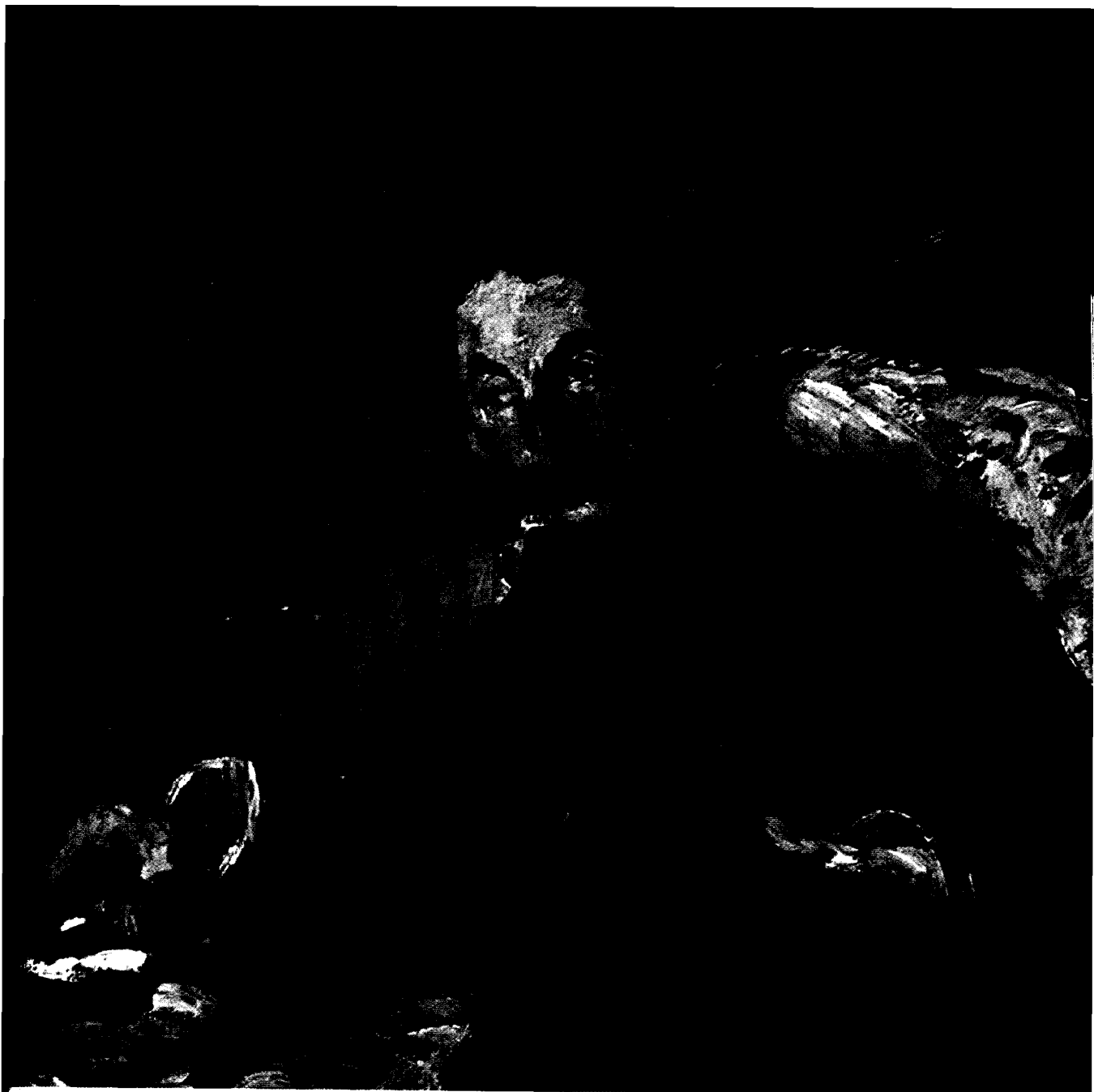
Não nos relacionamos com um mundo físico bruto, mas com um mundo *interpretado* pelos outros. O que apreendemos e tornamos nosso se estabelece inicialmente em uma relação social e significativa

Lev Semionovitch Vigotski foi, sem dúvida, um dos grandes pensadores da psicologia do século XX. Suas ideias marcaram gerações de pesquisadores em várias partes do mundo, em estudos teóricos e empíricos sobre desenvolvimento, linguagem, cultura, conhecimento, educação, deficiência, entre tantos outros temas. Sua vida breve e intensa e sua dinâmica elaboração teórica constituíram um autor instigante de textos que desafiam seus leitores com novas possibilidades de análise a cada leitura.

Assumindo o pressuposto da constituição social dos processos psíquicos e contrapondo-se às visões naturalistas, mecanicistas e idealistas da época, Vigotski inaugurou uma concepção de desenvolvi-

mento humano que se produz na história e na cultura, em processos de significação. Sua concepção foi marcada pelo interesse por assuntos relativos a literatura, teatro e crítica literária e pelas atividades que desenvolveu nessas áreas. A admiração pela poesia, especialmente a simbolista, lhe trouxe sensibilidade para a problemática da linguagem, do signo e do símbolo.

Leitor de obras de autores de vários campos do conhecimento desde a adolescência – Hegel, Spinoza, Shakespeare, Goethe, Dostoiévski, James, Freud, Darwin... – desenvolveu o gosto pela interlocução. Suas análises são permeadas por diálogos com outras perspectivas. Além das questões teóricas, sua produção foi orientada para o atendimento a demandas práticas, num contexto de inúmeros



problemas sociais, depois da Primeira Guerra Mundial, da Revolução Russa e da Guerra Civil.

Juntamente com outros companheiros, entre os quais Luria e Leontiev, formou um grupo de pesquisa na Universidade de Moscou que trabalhava intensamente, embora suas condições de vida nem sempre fossem propícias para o trabalho científico. Esse grupo se empenhou na reformulação de disciplinas como a pedagogia e a psicologia. Vigotski desenvolveu uma análise da psicologia no começo do século XX cuja situação, segundo ele, era extremamente paradoxal. Por um

lado, a psicologia subjetiva, com raízes na filosofia idealista de Descartes, via o estudo dos fenômenos psíquicos como manifestação do espírito, dos quais só se podia obter uma descrição subjetiva, negando uma abordagem naturalista dos fenômenos. Por outro, a psicologia naturalista científica, própria do positivismo evolucionista, considerava a atividade consciente do homem como resultado direto da evolução do mundo animal, reduzindo a ação dos complexos acontecimentos psicológicos a mecanismos elementares, estudados em laboratório por meio de técnicas exatas. Vigotski enfatizou o estudo da

Retrato do poeta Stéphane Mallarmé, pintado por Claude Monet. Vigotski tinha grande admiração pela poesia simbolista, da qual Mallarmé é um dos principais representantes

consciência, influenciado por Marx e Engels, concluindo que as origens das formas superiores de comportamento consciente deveriam ser buscadas nas condições sociais de vida historicamente formadas.

Luria, em *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*, assim se referiu à sua forma de trabalho: "Uma das múltiplas características do trabalho

de Vigotskii [...] foi sua insistência no fato de que a pesquisa psicológica nunca deveria limitar-se a uma especulação sofisticada e a modelos de laboratório divorciados do mundo real. Os problemas reais da existência humana, tais como são sentidos na escola, no trabalho ou na clínica, serviam como contextos nos quais Vigotskii lutava para formular um novo tipo de psicologia”.

Cultura e história na constituição do psiquismo humano

A teoria iniciada por Vigotski e cada vez mais difundida em diferentes países e áreas é conhecida como abordagem histórico-cultural, sociocultural, sócio-histórica, sociointeracionista, teoria da atividade. Cada uma dessas denominações diz respeito a aspectos que ele considerava essenciais na constituição do psiquismo. Salientamos o lugar ocupado pelos conceitos de cultura e de história na sua elaboração teórica do desenvolvimento humano.

Para Vigotski, o funcionamento psicológico fundamenta-se nas relações sociais, as quais se desenvolvem no interior da cultura (ao mesmo tempo em que constantemente a produzem) e num processo histórico. Se pensarmos no adjetivo *cultural* atribuído a essa perspectiva, devemos levar em conta que toda interação social é aqui analisada como emergente em uma cultura, envolvendo os meios socialmente estruturados (como os grupos e instituições), os instrumentos e a linguagem. E o *histórico* funde-se com o *cultural*, já que os instrumentos foram inventados e aperfeiçoados ao longo da história social do homem. Além disso, os fenômenos psicológicos nessa abordagem são considerados em processo de mudança, ou seja, tratados historicamente.

A abordagem histórica de Vigotski relaciona-se a um dos principais fundamentos de suas elaborações:

o materialismo histórico e dialético. O caráter histórico do materialismo de Marx e Engels o diferencia de outras concepções materialistas da época. Para Marx, toda ciência é histórica e é produto da atividade humana, não um resultado puro da razão. O caráter materialista da dialética de Marx e Engels, por sua vez, marca a diferença entre a sua dialética e a de outros autores (em especial, Hegel), na consideração das condições concretas da produção do conhecimento.

Vigotski, Luria e Leontiev distinguem dois períodos na filogenia humana: a evolução biológica (explicada na teoria da evolução de Darwin) e a história humana (conforme análise de Marx e Engels). Embora Vigotski concorde com a ideia da evolução, ele separa o comportamento dos animais e dos homens pela emergência da cultura e atribui um papel limitado à base genética do comportamento humano. Enquanto as leis biológicas explicam a evolução das espécies, são *leis sócio-históricas* que explicam o desenvolvimento do homem com o início da cultura. Os animais são dependentes de programas hereditários de comportamento e/ou de resultados da experiência individual (por treinamento ou por sua vida em sociedade); diferentemente, a atividade consciente do homem se baseia nos conhecimentos e habilidades presentes na experiência da humanidade, acumulada no processo da história social, como nota Luria, no *Curso de Psicologia Geral*. As características especificamente humanas são, portanto, desenvolvidas culturalmente, em processos de interação.

A distinção assumida entre evolução biológica e história humana é baseada nos escritos de Marx e, mais intensamente, de Engels, com a explicação para a origem do *Homo sapiens* na postura ereta e na liberação das mãos para o trabalho. O trabalho

coletivo na fabricação dos primeiros instrumentos teria criado a necessidade de um meio de comunicação. Com base nessa hipótese, os fatores decisivos dessa transformação são: o trabalho social, a invenção e o emprego dos instrumentos de trabalho, o surgimento da linguagem.

Para falar do processo de desenvolvimento humano, Vigotski baseia-se na distinção bastante comum na psicologia da época entre funções elementares e funções superiores, relacionada à consideração de duas linhas no desenvolvimento: uma “natural” e outra “social” ou “cultural”. As funções elementares ou naturais têm sua origem na evolução biológica. As funções superiores ou culturais, tais como a atenção e a memória voluntárias, a capacidade de planejamento, a linguagem etc., encontram-se em um nível qualitativamente novo de funcionamento psicológico. Nesse sentido, segundo Vigotski, não podem ser aplicados os mesmos princípios explicativos para os dois tipos de processos. Ele baseou-se nos seguintes critérios para caracterizar os processos mentais superiores: a mudança do controle do ambiente para o indivíduo; a realização consciente de processos mentais; a origem e natureza social; e a mediação por signos.

A superação do dualismo

Segundo Angel Pino, em “O Social e o Cultural na Obra de Lev S. Vigotski”, ao propor dois tipos de funções, Vigotski não segue a via do dualismo; ao contrário, propõe a superação: “As funções *biológicas* não desaparecem com a emergência das *culturais* mas adquirem uma nova forma de existência: elas são incorporadas na *história* humana. Afirmar que o desenvolvimento humano é cultural equivale portanto a dizer que é histórico, ou seja, traduz o longo processo de transformação que o homem opera na natureza e nele mesmo como

parte dessa natureza. Isso faz do homem o artífice de si mesmo”.

Um aspecto crucial e muitas vezes esquecido na sua obra é a ideia do desenvolvimento histórico dos processos especificamente humanos. Vigotski considera que eles estão continuamente em transformação. Portanto, estudar uma função historicamente é estudá-la em processo de mudança, requisito do método dialético.

Outro aspecto importante da teoria vigotskiana relacionado à sua abordagem histórica é a articulação entre os planos filogenético (história da espécie humana) e ontogenético (história pessoal). Vigotski e Luria se apoiaram nas pesquisas sociológicas etnográficas de Durkheim, Lévy-Bruhl e Thurnwald, que marcaram sua maneira de entender outras culturas e a relação entre cultura e processos mentais em aspectos tais como: a correspondência entre variedade cultural de representações coletivas e diferentes funções mentais; a diferença entre as funções psicológicas superiores do homem primitivo e as do homem civilizado; superioridade da mente moderna em relação à pré-histórica, explicada não pelas características biológicas, mas pelas diferenças culturais. Para Vigotski, a cultura e o pensamento/ação culturalmente mediados são considerados a marca da emergência dos seres humanos como espécie distinta.

De acordo com Michael Cole e Natalia Gajdamaschko, Vigotski estava profundamente imerso em uma tradição acadêmica e social que tinha como pressuposto uma forte ligação entre a evolução sociocultural e a história. A cultura era vista como fenômeno histórico, o que se torna central para o aspecto comparativo da teoria. Além desses aspectos, a *cultura* ainda abrange, nos seus escritos,



© Reprodução

os produtos artísticos e os processos de criação. Para Vigotski, a cultura é a totalidade das produções humanas: técnicas, artísticas, científicas, instituições e práticas sociais. Daí, o termo “desenvolvimento cultural” usado por ele para descrever o desenvolvimento psicológico. A mediação pela cultura em Vigotski é o que define o funcionamento psicológico humano.

A mediação

A mediação é um princípio fundante da teoria histórico-cultural e atravessa todos os escritos de Vigotski. Na sua concepção, ao invés de agirmos de forma direta, imediata no mundo físico e social, nosso contato é indireto ou mediado por signos e instrumentos, pelo outro. A mediação, para ele, é a marca da consciência humana. A compreensão da emergência e da definição dos processos mentais especificamente humanos e da ligação entre os processos sociais e históricos e os processos individuais é alicerçada nessa noção.

As ideias sobre a emergência do humano e a característica distintiva de usar instrumentos para controlar a natureza, na perspectiva histórico-cultural, como vimos, basearam-se no pensamento de Marx e Engels.

A transformação do comportamento imediato, impulsivo, dirigido diretamente a um objeto, em comportamento instrumental, mediado por um instrumento, foi considerada por Vigotski e Luria na análise das semelhanças e diferenças entre o compor-

“Os problemas reais da existência humana, tais como são sentidos na escola, no trabalho ou na clínica, serviam como contextos nos quais Vigotski lutava para formular um novo tipo de psicologia”

tamento instrumental dos primatas antropóides, a partir dos experimentos de Köhler na década de 1920, e o comportamento de crianças pequenas. O uso de ferramentas, para os primatas, tem valor secundário na sua adaptação; eles são “estranhos” ao trabalho, enquanto, no homem, é o que marca a cultura, o que desempenha um papel decisivo na luta pela sobrevivência.

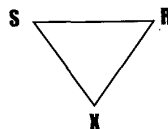
O trabalho humano tem como características a atividade coletiva e a relação com a atividade comunicativa, enquanto nos animais atividade produtiva e comunicativa não se confundem. Além disso, a divisão técnica imprime profundas modificações na estrutura da atividade humana. Mas é a preparação dos instrumentos, segundo Luria, o que distingue a atividade do homem primitivo do comportamento do animal, que apenas emprega os instrumentos. A preparação não é dirigida por motivo biológico imediato; supõe o sentido de uso futuro, podendo ser chamada de primeira forma de atividade consciente. E o instrumento usado pelo homem é um objeto social, para além de suas propriedades físicas; é fabricado pelo homem para realizar sua atividade produtiva.

Além disso, segundo Vigotski, a habilidade de produzir um signo, de introduzir recursos psicológicos auxiliares, marca o comportamento humano e a cultura e diferencia os primatas do homem mais primitivo. Nesse sentido, a outra condição que levou à modificação da história, tornando-a cultural, foi a emergência da linguagem. Köhler observou que o limite na inteligência dos chimpanzés se deve à falta do “inestimável instrumento técnico” da fala. Além disso, o autor concluiu que os chimpanzés não criam instrumentos para o amanhã porque não possuem linguagem, e têm um poder imaginativo limitado quanto ao tempo. O uso de símbolos e signos transformou ra-

dicalmente a história humana, que passou a ser a história do desenvolvimento desses “meios de comportamento auxiliares artificiais” e a história do controle do homem sobre si mesmo.

Fala e pensamento

Um grande número de pensadores, entre eles Koffka, sugeriu que a fala humana poderia ser vista como um instrumento do pensamento. Sua observação, feita em um contexto filogenético, foi particularmente importante para Vigotski, que considera que o uso de signos como meios auxiliares para a solução de um problema psicológico (como lembrar, imaginar, comparar, avaliar etc.) é análoga ao uso de instrumentos no trabalho, chamando-os de “instrumento técnico” e “instrumento psicológico”. Ele classificou tais processos humanos como “atos instrumentais artificiais” e sugeriu a modificação do esquema de Pavlov para os reflexos condicionados, resumindo na figura de um triângulo o estabelecimento de uma relação mediada por um terceiro elemento (instrumento ou signo) na atividade instrumental:



A forma elementar de comportamento seria direta, representada na fórmula $S \rightarrow R$. A estrutura de operações com signos, segundo Vigotski, requer um elo intermediário entre o estímulo e a resposta. Essa colocação do elo faz com que o indivíduo participe ativamente no estabelecimento dessa ligação, e tem a característica de ação reversa, de agir sobre o indivíduo e não sobre o ambiente. No caso da memória, por exemplo, se a pessoa anota na agenda um compromisso, essa anotação funcionaria como um signo para a recordação.

Mas, para Vigotski, a analogia entre signos e instrumentos deveria ser vista com reserva: “[...] essa analogia, como qualquer outra, não implica uma identidade desses conceitos similares. Não devemos esperar encontrar muitas semelhanças entre os instrumentos e aqueles meios de adaptação que chamamos signos. E, mais ainda, além dos aspectos similares e comuns partilhados pelos dois tipos de atividade, vemos diferenças fundamentais”. A analogia básica entre os dois encontra-se, segundo o autor, em sua função mediadora. O conceito de mediação foi tomado de Hegel e Marx. Hegel considerava a mediação a característica fundamental da razão humana e fez dela uma noção essencial para distinguir as atitudes animal e humana, concebendo o trabalho como uma ação humana e humanizadora. Marx via na atividade do trabalho uma dupla produção: transformação da natureza em cultura e transformação do próprio homem, no processo de produção. O processo de trabalho seria o processo privilegiado nas relações homem/mundo, para Marx e Engels. Vigotski, estendendo essa análise, distinguiu o instrumento e o signo na sua função mediadora pela orientação: enquanto os instrumentos são externamente orientados, para o controle da natureza, levando a transformações nos objetos, os signos são orientados internamente, para a comunicação e a autorregulação (controle e domínio do comportamento). Como exemplos de instrumentos, temos desde a enxada até as máquinas em geral usadas pelo homem, desenvolvidas ao longo de sua história. Como exemplos de signos, podemos citar as palavras, números, símbolos algébricos, obras de arte, sistemas de escrita, esquemas, mapas, plantas, notação musical etc. A utilização de signos e instrumentos não se limita à experiência pessoal de cada indivíduo, mas refere-se

à incorporação da experiência anterior de um determinado grupo cultural. Ao longo da história da espécie humana, as representações da realidade foram organizadas em sistemas simbólicos, isto é, os signos são compartilhados pelo conjunto de membros do grupo social, permitindo a comunicação, a interação e a organização do real, sendo a linguagem o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos, como observa Marta Kohl de Oliveira.

Instrumento e signo

É importante salientar uma ideia básica para a análise de Vigotski: a relação entre o instrumento e o signo. Para ele, não há um sistema de atividade organicamente predeterminado na criança. A transição para a atividade mediada muda fundamentalmente a atividade humana no mundo, assim como os processos psicológicos. O controle da natureza e o controle do comportamento estão mutuamente ligados na ontogênese e na filogênese: a transformação na natureza altera a natureza do homem e a transformação do psiquismo altera a relação humana com o mundo e a forma de usar ins-

trumentos. Vigotski e Luria criticam a consideração por muitos autores do uso de instrumentos e signos isoladamente. Essa é a distinção da sua abordagem: a consideração da fusão entre instrumento e signo.

Além dos signos e instrumentos, o outro também medeia a nossa relação com o mundo, com as outras pessoas e com nós mesmos. Para Vigotski, “o caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social”. Esse *outro* nem sempre está fisicamente presente, mas está incorporado no processo de apropriação de signos e instrumentos, no uso que fazemos dos objetos que são sociais. A esse respeito, James Wertsch faz uma distinção bastante esclarecedora entre dois tipos de mediação. O primeiro tipo ele denomina “mediação explícita”: quando um indivíduo ou outra pessoa que está conduzindo a atividade desse indivíduo introduz intencionalmente um estímulo-meio na dinâmica da atividade. Esse tipo de mediação está

Para Luria, “as características especificamente humanas são desenvolvidas culturalmente, em processos de interação”

presente em muitos dos trabalhos de Vigotski e colaboradores (como nos estudos do desenvolvimento dos conceitos e da memória), onde é salientada a função dos signos na organização da atividade. O segundo tipo é a “mediação implícita”, que, segundo Wertsch, tende a ser menos óbvia e mais difícil de detectar, correspondendo a formas de mediação de natureza efêmera, transitória, o que as torna “transparentes” para um observador descuidado. Ela também envolve signos, a linguagem, no processo de comunicação. Nesse tipo, os signos não são propositalmente introduzidos na ação humana, mas são parte de uma corrente de ação comunicativa preexistente. As ideias sobre a mediação implícita encontram-se em vários escritos de Vigotski, em especial no texto *Pensamento e Palavra*. Se considerarmos suas preciosas análises nesse texto, podemos dizer que, para Vigotski, mesmo a linguagem in-

terior é mediada pela linguagem social; o pensamento, pela palavra.

Internalização

A internalização é outro princípio que está na base da teoria de Vigotski sobre o desenvolvimento humano. É um fenômeno fundamental para a formação dos processos psicológicos, pois, se as características especificamente humanas são desenvolvidas culturalmente, em processos de interação e mediação, o que inicialmente é partilhado deve se transformar em um plano psicológico *interno*: “Chamamos de *internalização* a reconstrução interna de uma operação externa”, diz Vigotski.

O plano *interno*, para ele, não é um plano de consciência preexistente que é atualizado, nem uma cópia do plano *externo*, haja vista o caráter de “reconstrução” enfatizado pelo autor mais de uma vez: “*Uma operação que inicialmente representa uma atividade externa é reconstruída e começa a ocorrer internamente*”. O plano *externo*, sabemos, para Vigotski, é feito de interações entre sujeitos e com o mundo, mediadas pelos instrumentos, signos e por outros sujeitos. Essas interações são a base para o estabelecimento do plano *interno*. Ou seja, na perspectiva de Vigotski, *externo* e *interno* se vinculam geneticamente. Esses termos podem remeter à dicotomia interno/externo; dessa forma, o conceito de “internalização” tem sido problematizado por vários autores. Ana Luiza Smolka, em “Internalização: seu Significado na Dinâmica Dialógica”, aponta a dificuldade de se traçarem movimentos de internalização e externalização como algo que vai “para dentro” e “para fora” e, em outro texto, ela sugere o termo “apropriação” (usado por Bakhtin e Leontiev com diferentes sentidos, e relacionado à dialética de Marx e Engels). No entanto, apesar da possível inadequação do termo, julgamos importante elucidar o seu significado no escopo teórico de Vigotski.

© Robert Feintuch, Looking Out, resina acrílica e óleo sobre painel de alumínio, 2007. Reprodução



No seu “Manuscrito de 1929”, também intitulado “Psicologia Concreta do Homem”, Vigotski esclarece: “Para nós, falar sobre processo *externo* significa falar social. Qualquer função psicológica superior foi externa – significa que ela foi social; antes de se tornar função, ela foi uma relação social entre duas pessoas”. Nesse sentido, as funções psicológicas são originalmente relações sociais, emergem no plano da ação entre sujeitos (social), para então se internalizarem e constituírem o funcionamento interno (individual, do sujeito). Essa consideração da dimensão social não está presente em outros autores que usam o mesmo termo ou termos com concepções aparentemente semelhantes sobre a passagem do plano externo ao interno como, por exemplo, Bühler, Freud e Piaget. Para Vigotski, a noção

Pintura do americano Robert Feintuch. “Afirmar que o desenvolvimento humano é cultural equivale portanto a dizer que é histórico (...) Isso faz do homem o artífice de si mesmo”

de internalização está relacionada à linha social ou cultural do desenvolvimento, ou seja, à transformação de um fenômeno social em fenômeno psicológico.

O princípio de que o meio sociocultural tem um papel constante e constitutivo no funcionamento do indivíduo, segundo o qual Vigotski formulou sua teoria psicológica, teve influência e, ao mesmo tempo, redimensionou um dos postulados marxistas, na tese VI sobre Feuerbach: “[...] a essência humana não é uma abstração inerente ao indivíduo

singular. Em sua realidade, é o conjunto das relações sociais [...]”. Um dos pressupostos fundamentais da tentativa de Vigotski de reformular a psicologia a partir dos princípios marxistas, segundo Wertsch, era que, para entender o indivíduo, deve-se primeiro entender as relações sociais das quais ele participa.

Maria Cecília Góes comenta que Vigotski, ao assumir a constituição das formas de ação e da consciência do sujeito nas relações sociais, aponta caminhos para que se superem a dicotomia social/individual. Vigotski evita tanto o “reducionismo psicológico individual” quanto o “reducionismo sociológico” no estudo do sujeito e situa o seu interesse nos processos sociais “inter-psicológicos” ou “intermentais”, nos termos de Wertsch.

É bastante conhecida a “lei genética geral do desenvolvimento cultural”, que Vigotski formula em *A Formação Social da Mente*: “Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro, *entre* pessoas (*interpsicológica*), e, depois, *no interior* da criança (*intrapicológica*). Isso se aplica igualmente para a atenção voluntária, para a memória lógica e para a formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos.” Vale notar os adjetivos usados pelo autor: “genética” (diz respeito à sua forma de abordagem das funções psicológicas humanas) e “cultural” (demonstrando que para ele o desenvolvimento das funções psicológicas é cultural, ou seja, que não separa o desenvolvimento psicológico do desenvolvimento cultural ou social). Essa lei envolve afirmações fortes, sob dois aspectos apontados por Wertsch: os termos como atenção voluntária e memória lógica podem ser atribuídos tanto a grupos quanto a indivíduos; há uma conexão inerente entre os dois planos de funcionamento – inter

e intrapsíquico –, que não significa simplesmente que os indivíduos aprendem participando do funcionamento interpsicológico. Segundo o autor, Vigotski propõe que se situe a transição da “influência social fora do indivíduo” para a “influência social dentro do indivíduo” no centro da pesquisa psicológica.

Pensando nessa “influência social dentro do indivíduo”, lembramos a análise da fala egocêntrica na criança feita por Vigotski: no desenvolvimento inicial, a atenção e a ação da criança são dirigidas pela fala do outro (fala social). Depois, a criança vai gradualmente usando a fala para afetar a ação do outro (fala comunicativa), ao mesmo tempo em que ela usa a fala para si (fala egocêntrica). Aos poucos essa fala para si passa a organizar e guiar a ação da própria criança (autorregulação) e ela aumenta em termos quantitativos (a criança fala para si como fala para o outro). Aos poucos, a fala egocêntrica se internaliza, dando lugar ao discurso interno (que também é social).

A internalização é, assim, um conceito que se refere ao processo de desenvolvimento e aprendizagem humana como *incorporação* da cultura, numa visão própria da perspectiva histórico-cultural e contrária a perspectivas naturalistas, inatistas ou cognitivistas.

A centralidade da linguagem e da significação nas relações e nos processos psíquicos

A importância das relações sociais na constituição do psiquismo humano, na perspectiva histórico-cultural, articula-se à transformação possibilitada pela linguagem, pela criação e uso de signos, processos de significação.

Ao tratar dos fatores decisivos do início da história humana, Luria destaca a linguagem, apontando três mudanças essenciais que ela imprime à atividade consciente do homem: 1. a discriminação dos objetos, a atenção

dirigida para eles e a sua conservação na memória – a linguagem designa os objetos e acontecimentos pelas palavras, mesmo quando eles estão ausentes (por exemplo, ficamos sabendo de fatos que ocorreram em várias partes do mundo quando lemos o jornal pela manhã); 2. a possibilidade de abstração de propriedades dos objetos e de generalização, relacionando-se as coisas perceptíveis a categorias (chamamos de jarra diferentes objetos, de vários tamanhos, materiais diversos, e incluímos esse objeto na categoria “decorativo”); 3. a possibilidade de transmissão de informações, ao longo do desenvolvimento histórico-social, por constituir a linguagem um “meio de comunicação” e o “veículo mais importante do pensamento” (podemos dar uma aula sobre a Idade Média com base nos conhecimentos acumulados sobre esse período).

Articulando resultados de pesquisas no nível filogenético e ontogenético, Vigotski analisa a natureza das relações entre o uso de instrumentos e o desenvolvimento da linguagem. Bühler, ao estabelecer similaridades entre o comportamento de crianças pequenas e macacos antropóides quanto às manifestações da inteligência prática (uso de instrumentos), descobriu que o seu início em crianças é independente da fala e afirmou que essa independência permanece por toda a vida. Vigotski concordou com parte dessa análise, pois, para ele, há uma integração entre fala e raciocínio prático ao longo do desenvolvimento. Ao discutir este e outros achados, Vigotski considera que a fala tem um papel essencial na organização das funções psicológicas superiores. Ele critica o estudo do uso de instrumentos isolado do uso de signos, comum entre os psicólogos que analisam o processo simbólico em crianças, que costumam tratar o uso de signos como um exemplo do intelecto puro

ou produto da atividade mental (como Stern), ou ainda como fenômenos paralelos (como Piaget), e não como produto da história do desenvolvimento da criança. Diferentemente dos chimpanzés de Köhler que solucionam as tarefas somente se os estímulos estiverem incluídos no campo visual imediato, uma criança que fala demonstra uma liberdade incomparavelmente maior das operações. Em experimentos seus e de colaboradores, Vigotski observou que a fala não só acompanha a atividade prática, mas tem um papel específico na sua realização: no planejamento da solução do problema, no controle do comportamento do experimentador (quando a criança lhe faz perguntas) e da própria criança (fala egocêntrica). Eles observaram que, inicialmente, a fala segue a ação; posteriormente, ela se desloca para o início da atividade, surgindo uma nova relação entre as duas atividades.

Na maioria de seus textos, Vigotski focaliza duas ou mais funções psicológicas, observando como interagem entre si e, principalmente, com a linguagem. Essa prática é coerente com o seu modo

de conceber o funcionamento mental: um sistema interfuncional amplo e complexo. Sua abordagem dos “*sistemas funcionais*” é dinâmica e dialética: durante o processo de desenvolvimento do comportamento, em especial no processo de seu desenvolvimento histórico, o que muda não são tanto as funções, mas as relações entre as funções.

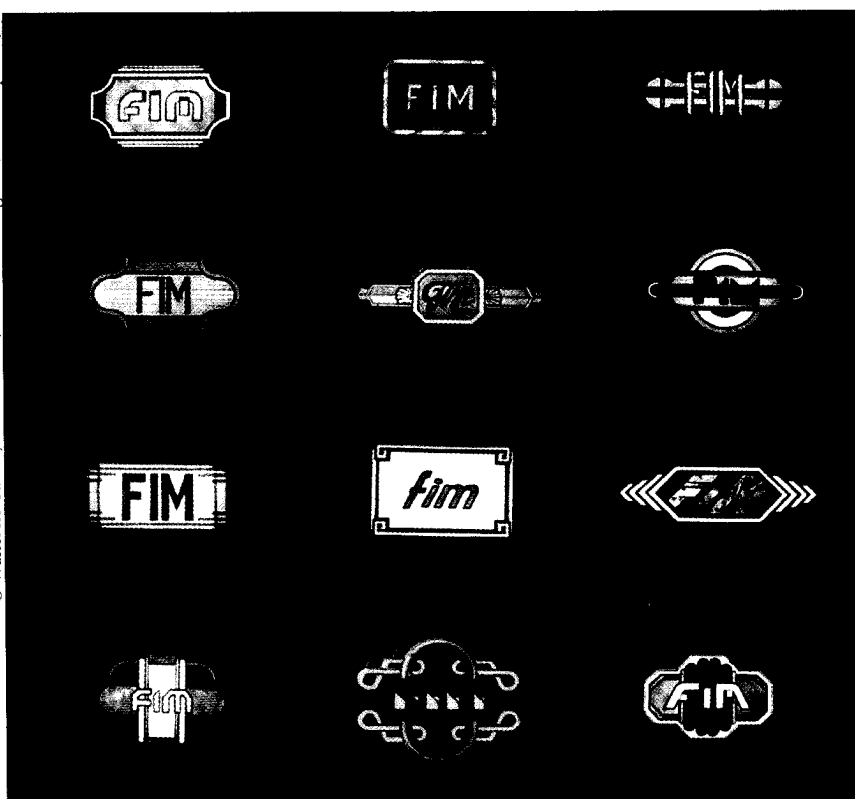
Devido ao lugar que a linguagem ocupa no escopo da teoria, Vigotski relaciona as transformações na palavra e as transformações no sistema funcional. Por exemplo, ao relacionar a memória e o pensamento, ele analisa como, na criança pequena, o pensamento é fortemente determinado pela sua memória. Um dos exemplos citados por ele refere-se à emergência do conceito na criança. Ao lhe perguntarem o que é um caracol, ela responde que é pequeno, escorregadio e pode ser esmagado com o pé, pois, para a criança pequena, pensar é recordar. Durante o desenvolvimento da criança, perto da adolescência, produz-se uma mudança decisiva. As relações interfuncionais variam, então, em sentido oposto: para o adolescente, recordar é pensar. Memo-

rizar passa a ser estabelecer e encontrar relações lógicas. Vigotski considera que as conexões que estão por trás das palavras são radicalmente distintas na criança e no adulto: nas palavras infantis, o significado se constrói de forma distinta do que nas nossas. Vigotski escolheu o *significado da palavra* como a unidade de análise das funções psicológicas culturais por ser um fenômeno tanto da palavra quanto do pensamento.

Dimensão semiótica

Wertsch considera que, ao longo da investigação de Vigotski, houve uma evolução na noção de “instrumento psicológico”, para uma direção mais semioticamente orientada, e ele passou a enfatizar cada vez mais a natureza significativa e comunicativa dos signos. Essa orientação é explicada como tendo origem nos estudos literários e filológicos empreendidos por Vigotski, e ela certamente guiou a sua investigação sobre o significado da palavra e a linguagem interior.

O primeiro trabalho de Vigotski foi uma análise de *Hamlet*, de Shakespeare – *A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca*. Em 1925, ele publicou *A Psicologia da Arte*. São reconhecidas as influências no pensamento do autor da semiótica e da poesia russas, bem como da linguística, mais especialmente do Formalismo Russo, com relação ao qual há também discordâncias. Estas participam na constituição da noção de mediação semiótica de Vigotski, a qual, em muitas análises realizadas sobre o seu trabalho, fica restrita à influência da explicação de Pavlov sobre o “se-



Gravura do artista brasileiro Waltércio Caldas. Ao longo da história da espécie humana, as representações da realidade foram organizadas em sistemas simbólicos, sendo a linguagem o sistema simbólico básico



©Ana Teixeira. Reprodução

O plano externo, para Vigotski, "é feito de interações entre sujeitos e com o mundo, mediadas pelos instrumentos, signos e por outros sujeitos"

gundo sistema de sinais", conforme a análise de Werstch.

Vigotski estendeu a formulação de Pavlov, ao realizar a distinção entre *sinalização* e *significação*. "Se a atividade fundamental e mais geral dos hemisférios cerebrais dos animais e dos homens é a sinalização, então a atividade básica e mais geral dos homens, a atividade que sobretudo distingue os homens dos animais do ponto de vista psicológico, é a *significação* [...] A significação é a criação e o uso de signos, isto é, de sinais artificiais [...]". Esse aspecto criador do homem, de atribuir significados, é que o distingue radicalmente dos animais. A "criação e uso de signos", segundo Wertsch, não fez parte das questões que Pavlov levantou. Para Vigotski, a emergência da significação está ligada a "um novo princípio regulador da conduta".

Uma das passagens mais bonitas, incluída em *A Formação Social da Mente*, sobre a forma de analisar o psiquismo humano emergente em processos de significação é a sua análise do gesto de apontar do bebê: "A criança tenta pegar um objeto colocado além de seu

alcançe; suas mãos, esticadas em direção àquele objeto, permanecem paradas no ar. Seus dedos fazem movimentos que lembram o pegar. Nesse estágio inicial, o apontar é representado pelo movimento da criança [...]. Quando a mãe vem em ajuda da criança, e nota que o seu movimento indica alguma coisa, a situação muda fundamentalmente. O apontar torna-se um gesto para os outros. A tentativa malsucedida da criança engendra uma reação, não do objeto que ela procura, *mas de uma outra pessoa*. Consequentemente, o significado primário daquele movimento malsucedido de pegar é estabelecido por outros. Somente mais tarde, quando a criança pode associar o seu movimento à situação objetiva como um todo, é que ela, de fato, começa a compreender esse movimento como um gesto de apontar. Nesse momento, ocorre uma mudança naquela função do movimento: de movimento orientado pelo objeto, torna-se um movimento dirigido para uma outra pessoa, um meio de estabelecer relações. *O movimento de pegar transforma-se no ato de apontar*". No "Manuscrito de 1929", Vigotski afirma que o desenvolvimento

cultural passa por três estágios: "em si, para outros, para si". Não nos relacionamos com um mundo físico *bruto*, mas com um mundo *interpretado* pelos outros. O que apreendemos e tornamos nosso (objeto, atividade, imagem etc.) se estabelece inicialmente em uma relação social e significativa. O que é internalizado é a *significação da ação*, não a ação ou os objetos em si mesmos, mas a significação que tem para as pessoas e emerge na relação, conforme analisa Pino. Dessa forma, a noção de internalização não pode ser pensada sem a referência à noção de mediação simbólica ou semiótica, mais especificamente a mediação pela linguagem.

Os princípios da mediação e da internalização na teoria vigotskiana devem ser vistos, segundo Smolka, como relacionados aos processos de significação, na consideração da centralidade do signo e do estatuto da linguagem na obra do autor. No movimento intersubjetivo, no processo relacional de produção de signos e sentidos, tornamos nossos os significados partilhados, que nem sempre coincidem. Hoje podemos dizer que múltiplos significados e sentidos se produzem no processo de apropriação da cultura, na participação em práticas sociais e históricas.

Elizabeth dos Santos Braga é pós-doutora pela Universidade de Oxford, professora da Faculdade de Educação da USP (área de Psicologia da Educação) e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Pensamento e Linguagem da Unicamp. É autora de *A Constituição Social da Memória: uma Perspectiva Histórico-Cultural* (Unijuí, 2000) e coautora de *A Significação nos Espaços Educacionais: Interação Social e Subjetivação* (Papyrus, 1997), *Relações Estéticas, Atividade Criadora e Imaginação* (UFSC, 2006), dentre outras.